

Lembranças de infância

Produções textuais do curso de Cinema da UFSC

Marcio Markendorf (organizador)

Bruna Ramos Pavesi (revisora)

Número 9



Novembro, 2012

Florianópolis

Caio Barcellos

Já deviam ser duas horas da manhã quando, revoltados, levantamos de nossas camas. Aquele apagão interminável estava deixando todos impacientes e sem conseguir dormir, ou, pelo menos, nós três.

O zumbido e o calor nos forçaram a iniciar a guerra, e, com o Arthur do nosso lado, nossos inimigos não teriam chance.

Levantamos raivosos quando Arthur, um grande arquiteto para o mal, resolveu que aquilo deveria terminar. Logo nos contou seu plano e, como nunca havíamos feito nada parecido, aceitamos. Ouvimos as ordens e descemos para pegar o que faltava. Quando subimos, as velas já estavam acesas, e a guerra, declarada.

O primeiro a agir foi, claro, o mandante, que, sem dó, apanha a vela em uma mão e um desodorante na outra e começa o massacre. Vendo aquilo, eu e meu irmão criamos coragem e repetimos o feitiço de Arthur.

Em menos de cinco minutos havíamos dizimado todos aqueles sanguessugas. Após todo aquele tumulto, cansados, dormimos. Aqueles malditos mosquitos mereceram.

Júlio Dutra

Minha infância se passou num bairro distante do centro de minha cidade natal, Santa Maria – RS. O bairro, particularmente, era formado por pequenas chácaras, onde os moradores plantavam hortaliças e criavam alguns animais, como vacas de leite, galinhas e porcos. Mas as lembranças mais marcantes de infância se passavam num mato de eucaliptos que meu vizinho tinha. Era uma vasta floresta cheia de aventuras. Fazia cabanas com os galhos e folhas das árvores. Na verdade, em minha imaginação, eram castelos gigantes, que eu defendia contra inimigos, monstros, guerras. Montava todo dia um novo castelo, meu refúgio imaginário. Lembro-me do dia em que, defendendo meu “reino” contra samurais do estilo “Lion Man”, lutei, briguei, matei, feri. Amigos morreram nessa batalha, e acabei na torre do castelo, encurralado pelos samurais, até que caí de cima de um eucalipto, bati com as costas no chão e desmaiei. Acordei com meus irmãos rindo da minha cara e me ajudando a levantar.

Janaina Pertile

Meu guarda-roupa era a casa das bonecas. Nele eu construía o quarto, a sala... e ficava muito tempo lá dentro, como se fosse a minha casa também. Recortava figuras das revistas e colava no interior do guarda-roupa. Eu lia, escrevia e vagava minha imaginação em alguma lembrança. Dava nomes às bonecas e fazia todo o desenrolar de uma história acontecer lá dentro. Imitava a voz grave de um homem e a voz fina de uma mulher. Como havia muitas bonecas, cada uma tinha um nível diferente do tom de voz. Enfim, parte da minha infância se passou dentro do guarda-roupa, um mundo aconchegante e repleto de experiências.

Cindy Dalfovo

Da minha infância, lembro-me dos sonhos impossíveis e não realizados. O único presente de Natal do qual me recordo é aquele que nunca ganhei, mas que havia pedido ingenuamente em uma carta ao Papai Noel: uma rena voadora.

Outro desejo nunca realizado era o de ter um irmão gêmeo. Impossível, saí do ventre sozinha e gêmeo eu poderia apenas ter um doppelgänger. Mas tudo bem, na falta do gêmeo, eu me contentava com o irmão.

Chegou o dia da reunião de pais, e minha mãe recebeu os parabéns. Seria um menino ou uma menina? Minha mãe perguntou quem havia lhes contado isso. “Sua filha”, devem ter dito. “Anotou até na agenda escolar o quanto estava feliz por ter um irmãozinho”. Eu não sei como ela reagiu ao ouvir isso. Fosse eu, teria rido escandalosamente. Teria ficado preocupada comigo? Ou brava? Ou apenas balançado a cabeça e rido sem jeito? Porque, na realidade, o que eu havia escrito era minha primeira mentira escrita, ou minha primeira história.

O episódio acabou para mim quando eu quis muito um urso polar de pelúcia, e minha mãe me disse: “O urso ou o irmão”.

Sou filha única até hoje.

Victor Giovanni Domingos Suzin e Silva

Minha infância pode ser resumida em, basicamente, correr atrás dos meus dois primos mais velhos, que, aliás, eram meus vizinhos, e topar qualquer ideia idiota que eles tivessem.

No final de semana em que fomos visitar a casa, ainda em construção, do nosso avô, eles disseram para eu abrir todos os morteiros que havíamos comprado, enquanto eles procuravam estopim no mar depois de jogarem futebol na praia.

Depois da longa tarde sozinho enchendo uma caixinha de remédio de pólvora, subimos os três para a laje através de uma escada de madeira, a qual o espaço entre os degraus parecia ter a minha altura. Posicionamos nosso brinquedo na ponta da casa e acendemos o estopim com a ponta da bituca acesa do mais velho.

O pouco do que me lembro depois é o sermão do meu avô, ex-padre, enquanto ficávamos ajoelhados no milho com as mãos para cima.

Danilo Lopes

Aos meus oito anos foi o meu primeiro contato com o mar. Estava com minha turma da escola e ainda morava no estado do Rio de Janeiro.

Eu estava no fundo do ônibus quando olhei na cabine do motorista algo extremamente azul, gigante, sem fim. Era um belo dia, com poucas nuvens. O ônibus parou, o motorista abriu a porta, meus amigos e eu descemos correndo em direção à praia. Lembro-me da professora gritando para termos cuidado. Corri freneticamente até onde as ondas quebravam, parei ali, deixei a água vir até os meus pés e, para matar minha curiosidade, molhei meus dedos e coloquei-os na boca para saber se o mar era salgado mesmo.

Brincamos um pouco na areia, tiramos algumas fotos e logo retornamos ao ônibus para seguir viagem de volta para casa.

Ingrid O. G. de Souza

Era véspera de Natal e eu tinha dez anos. Minha mãe havia me dito que o meu presente de Natal (dado por ela em conjunto com o Papai Noel) talvez não chegasse a tempo pro dia 25. Aquilo me devastou, mesmo sem saber o que eu ganharia. Passei o resto do dia no meu quarto, com meus brinquedos antigos, imaginando o porquê daquela demora. Todos os meus primos já estavam desfilando pela casa com seus presentes novos, e eu, com a cara mais amarrada do mundo, estava sem nada.

A ceia passou, os parentes foram embora e nada do Papai Noel chegar com a minha “mercadoria”. E foi quando eu voltei para o meu quarto, já me arrumando para dormir, que eu notei finalmente algo de estranho. Fazia alguns dias que eu tinha visto meu pai colocar uma caixa enorme atrás da minha porta. Ele não havia dito o que era, apenas que não era nada de importante. Nem liguei, pois tinha passado a semana toda preocupada com o Natal e com meu presente. Também não tinha percebido que a bendita caixa poderia ter a altura exata do presente que eu desejava, um violão elétrico. E, claro, não havia mais dado atenção às dicas que minha mãe soltava a semana toda sobre a possibilidade de eu ter notado algo diferente no meu quarto e se eu realmente prestava atenção nas coisas que eles me falavam ou se eu apenas acenava com a cabeça e fingia ter compreendido. Ela costumava dizer que eu era muito avoada, e realmente eu era. No fim das contas, meu violão dos sonhos havia passado a semana toda às minhas vistas e eu não havia percebido nem por um momento. E daquele momento em diante, comecei a observar melhor o ambiente ao meu redor, notando cada detalhe e não deixando passar nada. Hoje em dia, Sherlock Holmes é o meu herói e meus pais ainda brincam muito comigo por conta desse episódio.

Victoria Schotten

Minha mãe sempre gostou de acordar cedo e, naquela idade, eu não conhecia nada diferente dos seus hábitos, até quando fui dormir na casa da minha avó pela primeira vez e ela passou a noite acordada comigo, brincando e jogando.

Eu sentia que tinha descoberto inúmeras possibilidades simplesmente pela chance de ficar acordada até mais tarde. Daí em diante, a maior diversão que eu tinha era ir para a casa da minha avó e passar a noite acordada com ela.

As visitas à minha avó diminuíram, mas o hábito de ficar acordada até tarde ficou, até o ponto de ter insônia.

Vinícius Freire Hickel

Não me lembro exatamente de qual era minha idade na época, mas eu devia ter onze, doze anos. E eu, meu irmão mais novo e um amigo nosso, que tinha uma casa enorme na rua de cima, estávamos na fase de explodir bombinhas.

Não era exatamente fácil conseguir as bombinhas, mas a gente conhecia um minimercado que vendia de boa. Nesse dia, meu amigo comprou praticamente todos os tipos de bombinha do mercado.

Um pouco antes de começar a anoitecer, começamos a estourar as bombas mais leves no quintal gigante do meu amigo. As bombas mais pesadas nós usávamos para estourar garrafas e outras coisas.

Quando não tínhamos mais o que estourar, meu amigo teve a brilhante ideia de colocar a bomba em um buraco no muro. Eu falei que ia dar merda, mas ele disse que não ia dar nada. Em todo caso, a casa não era minha, que se dane.

A bomba estourou e deixou um buraco do tamanho de um tijolo no muro. Quando a mãe dele saiu de dentro de casa, falou que teríamos que pegar cimento e remendar o muro. Me mudei e o buraco ainda estava lá. Voltei alguns anos depois, e tudo estava na mesma. Se voltar hoje, provavelmente terei a mesma visão que tive naquele fatídico dia.

Ariel da Silva Schloegel

A escola era longe de casa, era preciso, ao menos, meia hora de ônibus, numa época que a situação financeira não permitia outro transporte. De mãos dadas com minha mãe, que era professora no mesmo local, andava alguns metros ao desembarcar do ônibus até chegar aos portões da escola. A paisagem era tênue: o céu azul, o sol a pino, os morros verdes ao redor do médio cinza e sujo, o ginásio, o calor, a estrada de barro com pedras que rolavam sempre que um carro passava e, enfim, o portão já aberto, somente esperando que a última criança entrasse antes do toque do sinal. Dali partia uma escada que, da visão de uma criança, parecia ter infinitos degraus que impossibilitavam ver aonde chegaria.

Depois de dez anos, ao retornar à escola, a estrutura mantinha-se intacta, o prédio, a paisagem, a escada. Só que já não era invisível a parte de cima, e o infinito reduzira-se à meia dúzia de degraus. Era a mesma coisa, mas não era. Imaginável, mas inexplicável.

Artur Carrion

Costumava brincar muito com meus irmãos, especialmente quando passávamos as férias na casa dos meus avós. Dividindo a garagem e o interior, havia um muro onde costumávamos subir, escalando por detalhes e maçaneta da porta. Certa vez, quando já estava escurecendo, decidimos brincar de escalar o muro. Logo após meus dois irmãos já estarem em cima dele, ambos começaram a me falar que o monstro da garagem ia me pegar. Entrando em desespero, não conseguia me segurar firmemente e caí algumas vezes. Meus irmãos apenas riam e eu apenas chorava. Eu poderia dar a volta na casa e entrar pela porta da frente, que eu sabia estar destrancada, mas o medo era tão forte que eu não ousava virar as costas para a garagem. Escutando o barulho, meus pais vieram ver o que acontecia. Destrancaram a porta do muro e me trouxeram para dentro. Meus irmãos ficaram de castigo, e eu fiquei sem querer falar com eles. Alguns dias depois, esse caso já havia sido esquecido.

Lídio Ramalho

Nós costumávamos voltar para casa a pé, eu e meus amigos. A cidade é pequena, por isso a distância do colégio até nossas respectivas casas era curta. Não morávamos na mesma direção, mas, até certo trecho, todos nós íamos juntos.

E toda semana, logo após as aulas à tarde, íamos embora felizes (ou não, e esse caso era quando tínhamos prova), jogando conversa fora, rindo alto e, relembrando agora, com poucas responsabilidades a resolver. Tudo banhado pelo sol fraco de fim de tarde, que aquecia e intensificava nossos sorrisos.

Não me lembro exatamente das conversas em si, mas posso falar que eram sobre temas variados, que iam desde as matérias que aprendíamos na sala de aula até o que faríamos no fim de semana.

Sinto falta disso, não só porque na época não tínhamos quase nenhuma responsabilidade séria, mas porque com todos os meus amigos eu me sentia forte; nós estávamos certos, nós nos vestíamos bem (ou pelo menos achávamos isso), nós andávamos na rua e gostávamos de ser olhados diferente pelas pessoas.

Diogo Berns

Lembro-me de que, certa vez, eu e meu primo Éderson, quando éramos pequenos, queríamos brincar com nossa prima Aline, que era ainda menor do que nós dois. A avó dela, Irma, que era nossa tia, não permitiu. Eu e meu primo ficamos zangados e concordamos que deveríamos chamá-la de bruxa. Após um tempo, nossa tia resolveu ir para sua casa. Seguimos ela, que, ao subir um morro, olhou para trás e nos viu. Começamos a cantar *Bruxa Fedida*, que era uma música da novela *Chiquititas*, do SBT. Ela ficou furiosa, e nós dois continuamos a cantar. Nossa tia nos xingou e foi embora. Eu e meu primo ficamos muito felizes, mas muitas pessoas viram o fato, e depois fomos castigados. Logo ela já conversava normalmente comigo e com meu primo. Foi apenas uma pequena passagem. Oito anos depois, eu lembrava o acontecimento com mais intensidade ao ver a mãe de Aline abraçando-a próximo ao caixão de minha tia.

Carolina Andrade

Todas as férias durante minha infância eram passadas na casa de minha avó, em uma cidade do interior do Rio de Janeiro chamada Volta Redonda, e uma das minhas lembranças mais marcantes era quando minha avó contava contos da época dela, história de eventos e casos que já haviam acontecido com ela, ou lendas, como de lobisomem e outras assombrações que, na minha infância, eu sempre temi, principalmente a que ela contava que um lobisomem quase tinha comido minha tia quando ela tinha dois meses de idade. Sempre dizia que a região onde estávamos apareciam coisas estranhas. Posso dizer que fiquei até um pouco traumatizada, a ponto de imaginar que meu pai, que era um homem com muitos pelos nos braços, poderia virar um lobisomem. Hoje, felizmente, não tenho mais esse trauma.